

A “Grande Igaçaba” da Cultura Marajoara: o diário da sua descoberta

The “Great Igaçaba” of Marajoara Culture: the diary of its discovery

La “Gran Igaçaba” de la Cultura Marajoara: el diario de su descubrimiento

Peter Paul Hilbert



Klaus Hilbert

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Brasil.

klaushilbert01@gmail.com

1

Resumo: Em maio de 1949, Peter Paul Hilbert, etnólogo do Museu Paraense Emílio Goeldi (PA), acompanhou Betty Meggers e Clifford Evans durante uma pesquisa arqueológica na Ilha do Marajó. Esse artigo apresenta o caderno de pesquisa que ele escreveu no decorrer dessa excursão científica. As anotações diárias e as fotografias registram eventos arqueológicos emblemáticos, como a descoberta da “grande igaçaba”, uma urna funerária antropomorfa policroma, localizada no sítio arqueológico de Monte Carmelo no Guajará. O diário também narra as dificuldades enfrentadas e superadas no decorrer das pesquisas, registra fauna e flora dos campos alagados da ilha, descreve a cultura material, o cotidiano da população marajoara e avalia suas condições de vida. A publicação desse diário de pesquisa, além de reforçar seu valor como documento histórico inédito, deve ser entendida como exemplo e servir como incentivo para manter um registro pessoal durante os processos de pesquisa, independente de seus contextos.

Recebido em 26 de outubro de 2024. Aceito em 13 de janeiro de 2024.



Palavras-chave: Arqueologia. Ilha do Marajó. Cerâmica Marajoara. Diário de Pesquisa.

Abstract: In May 1949, Peter Paul Hilbert, ethnologist at the Museu Paraense Emílio Goeldi (PA), accompanied Betty Meggers and Clifford Evans during an archaeological research on Marajó Island. This article presents the research notebook he wrote during this scientific excursion. Daily notes and photographs record emblematic archaeological events, such as the discovery of the “grande igaçaba”, a polychrome anthropomorphic funeral urn, located at the archaeological site of Monte Carmelo in Guajará. The diary also narrates the difficulties faced and overcome during the research, records the fauna and flora of the island’s flooded fields, describes the material culture, the daily life of the Marajoara population and evaluates their living conditions. This research diary, in addition to reinforcing its value as an unprecedented historical document, its publication should be understood as an example and serve as an incentive to keep a personal record during the research processes, regardless of their contexts.

Key words: Archeology. Marajó Island. Marajoara Ceramics. Research Diary.

Resumen: En mayo de 1949, Peter Paul Hilbert, etnólogo del Museo Paraense Emílio Goeldi (PA), acompañó a Betty Meggers y Clifford Evans durante una investigación arqueológica en la Isla de Marajó. Este artículo presenta el cuaderno de investigación que escribió durante esta excursión científica. Apuntes diarios y fotografías registran acontecimientos arqueológicos emblemáticos, como el descubrimiento de la “gran igaçaba”, urna funeraria antropomorfa policroma, encontrada en el sitio arqueológico de Monte Carmelo

en Guajará. El diario tambi narra las dificultades enfrentadas y superadas durante la investigació, registra la fauna y la flora de los campos inundados de la isla, describe la cultura material, la vida cotidiana de la població Marajoara y evalúa sus condiciones de vida. Este diario de investigació, además de reforzar su valor como documento histórico inédito, su publicación debe entenderse como un ejemplo y servir como incentivo para llevar un registro personal durante los procesos de investigación, independientemente de sus contextos.

Palabras clave: Arqueología. Isla de Marajó. Cermica Marajoara. Diario de investigación.

As pessoas e seus feitos

Quem são as principais personagens dessa história? O que elas fizeram?

Apenas quarenta e quatro meses após terem sido colocados em lados opostos durante o último confronto militar mundial, Betty Jane Meggers (1921-2012) e Clifford Evans (1920-1981), norte-americanos, e o alemão Peter Paul Hilbert (1914-1989) se encontraram em maio de 1949 na ilha do Marajó para realizar pesquisas arqueológicas. Vivenciaram, na foz do grande rio Amazonas, as mesmas situações de desconforto, enfrentaram as mesmas dificuldades e dividiram as mesmas incertezas. Estavam reunidos nos momentos emocionantes e históricos, que ocorreram durante a descoberta de importantes testemunhos arqueológicos da cultura Marajoara. Juntos compartilharam o sucesso que essas pesquisas arqueológicas, de repercussão mundial, lhes proporcionaram.

Por que a Amazônia?

Betty Meggers e Clifford Evans chegaram ao Brasil em 1948 para coletar dados e cultura material arqueológica na foz do Amazonas, com a finalidade de elaborar suas teses de doutorado¹. Estudantes de Antropologia da *Columbia University*, eles foram orientados por Leslie White², especialista em tecnologia e cultura material. Entretanto, foi Julian Steward, organizador e editor do *“Handbook of South American Indians”*, na época professor visitante na *Columbia University*, que mais influenciou o casal do ponto de vista acadêmico, com seus conceitos relacionados ao evolucionismo multilinear e à “Ecologia Cultural”. Essa abordagem teórica e metodológica destaca a importância do meio ambiente como fator determinante sobre questões como adaptação e

¹ Para realizar as pesquisas, ganharam subsídios da “Viking Foundation” e ajuda de custos de viagem da Columbia University.

² Também orientou, anos depois, Lewis R. Binford (1931-2011), identificado com a “New Archaeology”.

mudanças culturais – ambientes semelhantes determinam adaptações culturais semelhantes, desenvolvendo, por exemplo, um conjunto de soluções tecnológicas e funcionais semelhantes (Steward, 1946-1950) – contrariando, em partes, as tradições acadêmicas da *Columbia University*, pois muitos professores do departamento de Antropologia dessa instituição foram alunos de Franz Boas e adeptos do “Culturalismo”. Esse conceito defende a ideia de um relativismo cultural, no qual cada cultura, na sua singularidade, é autônoma (Boas, 1938). Assim, Betty Meggers e Clifford Evans foram para a Amazônia para testar a hipótese de Julian Steward da “Ecologia Cultural” no exemplo da “Cultura da Floresta Tropical” na região do baixo Amazonas.

Por que as escavações estratigráficas? Por que a estatística?

Conceitos teóricos na Antropologia e na Arqueologia andam de mãos dadas com as práticas de campo, coleta de dados, escavações e interpretações dos dados coletados. “Culturalismo”: se percebo costumes como manifestações culturais, se parto da hipótese da existência de uma cultura autônoma e singular, o que me interessa são essas particularidades, em todos os seus aspectos. Me atraem objetos de caráter museológico, com valores e qualidades estéticos e artísticos, cultura material singular que caracteriza cada uma dessas “Culturas”, uma urna funerária antropomorfa policroma, por exemplo.

“Ecologia Cultural”: se percebo culturas como uma adaptação ao meio ambiente, sujeito às mudanças conforme as mudanças ambientais, enfim se o ambiente é determinante para uma cultura, então não existem particularidades culturais. Culturas semelhantes surgem em ambientes semelhantes. Não me interessam mais as especificidades de uma cultura, mas as generalidades. Agora o que me interessa é a quantidade de uma determinada manifestação cultural, sua popularidade, que surge em uma época, em um

determinado contexto ambiental, e que desaparece em outras épocas, em outros contextos ambientes. Essas evoluções culturais podem ser quantificadas e medidas e podem ser interpretadas e comprovadas através da estatística.

Betty Meggers e Clifford Evans aprenderam essa metodologia na *University of Columbia*. Gordon Willey, professor da *Columbia University*, realizava, há vários anos, pesquisas arqueológicas no Peru, no vale Virú. Coordenava uma equipe interinstitucional e interdisciplinar, composta por geógrafos, sociólogos, antropólogos e arqueólogos, como William Strong, Junius Bird, Julian Steward, Wendell Bennet, James Ford e, entre outros, o estudante de antropologia, Clifford Evans.

Os sítios arqueológicos localizados e pesquisados no vale Virú eram sítios superficiais, não tinham estratigrafia, portanto não possuíam uma profundidade histórica. Para entender melhor o processo histórico e ocupacional desse vale, a relação cronológica entre os diferentes sítios e os padrões de ocupações desse espaço, James Ford adaptou um método estatístico, já aplicado na Geografia, na Sociologia e na Biologia, para a Arqueologia. No lugar de pessoas, de animais, de plantas ou de outras unidades de observação, em um determinado contexto, os arqueólogos analisaram fragmentos cerâmicos, coletados nos sítios em superfície. Quantificaram determinadas características ou atributos diagnósticos, de caráter tecno-tipológicos, dos fragmentos cerâmicos e conseguiram contar a história de ocupação do vale Virú através dessa metodologia estatística e matemática (Ford, Willey, 1949; Strong, Evans, 1952).

Betty Meggers e Clifford Evans ainda estavam no início das suas carreiras acadêmicas quando aplicaram essa metodologia de coleta por amostragem, durante suas pesquisas em Marajó. Escavando sondagens em níveis estratigráficos nos tesos da cultura Marajoara, eles permaneceram, inicialmente, com muitas dúvidas,

dialogaram internamente sobre os motivos e sobre as dificuldades de interpretar, satisfatoriamente e de acordo com os paradigmas da abordagem, os resultados preliminares obtidos através das análises tecno-tipológicas do material arqueológico escavado.

Peter Paul Hilbert foi pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, vinculado ao Departamento de Antropologia, durante 13 anos, entre 1948 e 1961 (Hilbert, 2009). Depois da sua primeira experiência no campo da Arqueologia, junto com Betty Meggers e Clifford Evans, na Ilha do Marajó em 1949, ele regressou à Ilha em 1951, desta vez acompanhado pelos antropólogos Harald Schultz e Myrthes Nogueira, para escavar, entre outros sítios arqueológicos, o tesó da Ilha do Pacoval (Hilbert, 1952).

No ano seguinte, por conta própria, ele pesquisou localidades de Terra Preta na região de Oriximiná, Lago Sapucúá, rio Trombetas e Nhamundá, seguindo a trilha de investigação aberta por Curt Nimuendajú e Günther Frikel (Hilbert, 1955).

Na Amazônia, lugares de Terra Preta são sítios arqueológicos. A população ribeirinha usa a extraordinária fertilidade do solo desses sítios como lugares de plantio. O manejo da roça como estratégia da sustentabilidade tradicional da população da Amazônia facilita o acesso a esses sítios, proporcionando, desse modo, uma investigação arqueológica mais abrangente.

Nesses sítios arqueológicos de Terra Preta, na região de Oriximiná, Peter Paul Hilbert colocou em prática as mesmas abordagens científicas aplicadas por Betty Meggers e Clifford Evans em Marajó, e logo percebeu a vantagem, em termos da aplicabilidade dessa metodologia, que os sítios arqueológicos de Terra Preta têm sobre os sítios arqueológicos dos tesos da cultura marajoara. Os procedimentos de deposição dos vestígios da cultura material, relacionados ao cotidiano indígena que resultaram na criação das localidades de Terra Preta, são distintos, comparados

com os processos que formaram os tesos arqueológicos da cultura marajoara. Os tesos mostram uma dinâmica de formação antropogênica própria, com sepultamentos em urnas funerárias, áreas definidas com estruturas habitacionais e de combustão (Roosevelt, 1991; Schaan, 2004).

Peter Paul Hilbert entendeu que a coleta da cultura material arqueológica em sítios de Terra Preta, realizada por amostragem através de sondagens escavadas em níveis artificiais, lhe oferecia uma amostra estatística mais confiável, isso em função dos processos de formação característicos das Terras Pretas antropogênicas. Assim, baseado na quantificação dos fragmentos cerâmicos amostrados e analisados por meio de seus atributos diagnósticos de caráter técnicos, métricos e estilísticos, ele conseguiu elaborar uma estrutura espaço-cronológica confiável para aquela região pesquisada.

Peter Paul Hilbert usou com sucesso a metodologia da coleta por amostragem dos vestígios arqueológicos em sítios de Terra Preta. A sistematização dos dados estatísticos e a elaboração de um esquema espaço-cronológico que servia para identificar mudanças culturais, inicialmente colocado em prática na região de Oriximiná (PA) e depois em muitas outras localidades de Terra Preta antropogênica ao longo do médio Amazonas, lhe colocam, com merecimento, na posição de um dos pioneiros da arqueologia da Amazônia (Hilbert, 1968).

No Brasil, esta metodologia da seriação de atributos diagnósticos, baseada em parâmetros de tempo e de espaço, possibilitou reconstruir mudanças culturais de longa duração, além de restaurar processos dinâmicos de povoamento em larga escala, e permeou as pesquisas arqueológicas dos Projetos “PRONAPA³”

³ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (1965-1970).

e “PRONAPABA⁴”. O “Método Ford⁵” (1961), como também é conhecido, foi, por assim dizer, o “carro-chefe” metodológico e interpretativo de Betty Meggers e Clifford Evans. Eles organizaram inúmeros cursos em toda a América do Sul e publicaram manuais em inglês, espanhol e português de “Como interpretar a linguagem da cerâmica” (Meggers; Evans, 1970).

O Diário e seu Aspecto

Como o diário se apresenta?

Herdei, junto com alguma documentação oficial de pesquisa, correspondência, relatórios, desenhos, fotos e seus diários de pesquisa com anotações de diversos projetos. As páginas com as anotações, contendo informações a respeito da pesquisa na ilha do Marajó, estavam presas a uma pequena prancheta preta de metal, que estava guardada, com algumas fotos, em uma caixa de papelão identificada com caneta azul como: “Marajó”.

Segurei a prancheta, abri com certa força suas “mandíbulas” de metal para liberar um montinho de folhas de papel da sua prisão. São nove folhas, aproximadamente do tamanho A6 (12 x 7 cm.), que estavam fixadas por um grampo enferrujado a uma pequena etiqueta, na qual fora escrito “MARAJO - FAHRT MIT EVANS” (Marajó - Viagem com Evans⁶) com uma caneta preta. Retirei, com cuidado, o grampo enferrujado, que deixou sua marca na etiqueta e que tinha perfurado todas as páginas.

Aparentemente, em algum momento, ciente de seu valor como registro de uma importante pesquisa arqueológica e, seguramente, por motivos pessoais e sentimentais, Peter Paul Hilbert não descartou estes documentos, mas decidiu, algum dia,

⁴ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (1976-1981).

⁵ James Ford (1911-1968).

⁶ Os “Evans”. Na sequência, optei por manter essa identificação usada por Peter Paul Hilbert para seus colegas de pesquisa, Betty Meggers e Clifford Evans.

organizar suas anotações e seus diários de pesquisa.

As nove páginas com anotações diárias, contendo os relatos da pesquisa arqueológica realizada entre 6 e 23 de maio de 1949 na Ilha do Marajó, faziam parte de um caderno, contendo outros relatos, anotações e desenhos de viagens e de estudos diversos. No processo de reorganização, Peter Paul Hilbert arrancou as folhas desse caderno de pesquisa, dessa viagem, as separou das outras, identificou, grampeou e as guardou, junto com fotos em preto e branco em uma caixa de papelão. A sequência original das folhas no caderno fora mantida, conforme as datas do diário, mas uma nova numeração foi incluída no canto superior e à direita das páginas, mas somente os números pares, com uma caneta de cor preta.

São nove folhas de papel, bem amareladas, sem linhas, arrancadas de um caderno com espiral⁷. As bordas perfuradas e rasgadas ainda estão presentes. As margens das folhas são gastas, os cantos arredondados, algumas um pouco rasgadas. Marcas deixadas por água, manchas tingidas por gordura, borrões de sujeira e de terra, evidenciam seu uso, assinalam seu envelhecimento e revelam sua autenticidade.

O texto é em alemão. A escrita foi a lápis, provavelmente HB. As páginas mostram letras e desenhos em ambos os lados, com exceção da primeira, que exibe símbolos de notas musicais e outras anotações fora do contexto desse diário. Um risco preto, feito com uma caneta esferográfica, atravessa em diagonal essa página, eliminando, por assim dizer, seu teor e separando esses rabiscos das anotações com o conteúdo do diário da viagem para Marajó. Trata-se do mesmo instrumento que Peter Paul Hilbert usou também para numerar as páginas. O diário, portanto, inicia no verso dessa primeira página.

⁷ Peter Paul Hilbert, frequentemente usava esses caderninhos com espiral, com uma capa dura, para suas anotações, não somente no contexto da pesquisa, mas também para suas anotações do cotidiano e relacionado a eventos com a família.

Significativo para mim é que ele manteve este conjunto de folhas em um “clipboard”, uma pequena prancheta de metal pintada de preto, de 18 x 10 cm, da marca “National”⁸. Os “Evans” devem ter dado esta prancheta a ele durante as pesquisas no Marajó. Apesar dele tê-la usado durante outras viagens e em muitas outras ocasiões de pesquisa, quando decidiu dar ordem aos documentos, aos diários de pesquisa e as fotos, devolveu a essa prancheta, já bem gasta, mas ainda em boas condições, seu conteúdo original: os relatos da expedição arqueológica que Peter Paul Hilbert fez com os “Evans”.

O Panorama entre Dúvidas e Certezas

Quais são minhas expectativas quanto ao conteúdo do diário?
Quais são as perspectivas que se abrem?

Coloquem-se na minha situação: você destrava uma gaveta, descobre nela uma caixa de papelão, abre essa caixa e nela encontra uma prancheta de metal que prende algumas páginas amareladas com uma escrita a lápis, quase apagada, e uma pasta com fotos. É o relato que conta a história sobre uma grande descoberta arqueológica na ilha do Marajó!

Logo imaginei que, através da leitura do diário, eu poderia mergulhar no passado e participar, posteriormente, dos momentos mágicos dessa importante descoberta arqueológica. Essa foi minha primeira expectativa, um pouco fantasiosa, sobre a descoberta de uma preciosidade, localizada na minha ilha da fantasia. Espontaneamente pesei: preciso compartilhar esse documento com pessoas interessadas, publicá-lo, através de um artigo e postá-lo nas redes sociais. Afinal, trata-se da descoberta de um “elo perdido”, de uma lacuna na complexa rede de relações

⁸ Esse tipo de prancheta foi usado pelo exército norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial, depois na Guerra da Coréia e no Vietnã.

entre pessoas, cultura material, lugares e narrativas a respeito da arqueologia marajoara. Entre todas as publicações de cunho científico, manifestações da cultura popular, notícias jornalísticas, tentações turísticas, posturas educacionais, afirmações de identidades, vagâncias simbólicas, exigências legais protetoras, faltava um depoimento de cunho pessoal: uma narrativa testemunhal! Nesse contexto de perspectivas, ainda sem conhecer seu conteúdo, a divulgação desse documento me parecia ser um ato de solidariedade para com a comunidade arqueológica, já que os diários de Betty Meggers sobre as pesquisas na Ilha do Marajó são de difícil acesso.

Devo realmente tornar público essas anotações? Parei para pensar e em seguida formaram-se nuvens de receios. O diário deve sair da caixa, do seu ambiente de tranquilidade onde permaneceu por décadas sem ser perturbado? Logo surgiram vários motivos contra sua divulgação.

Esse diário, da maneira como ele se me apresenta hoje, não foi escrito para ser publicado! Um dia, quem sabe, Peter Paul Hilbert tinha planos de usá-lo como suporte para uma futura pesquisa que nunca realizou, ou, talvez, escrever um ensaio literário sobre a descoberta da “grande igaçaba”? Até acho isso bem possível! Peter Paul Hilbert tinha talento para a escrita e gostava de incluir personagens autênticas nas histórias que contava sobre a vida dessas pessoas na Amazônia (Hilbert, 1967; 1969).

Um diário tem um alto grau de subjetividade. Fixa humores, sentimentos e emoções. A avaliação de eventos ocorridos e pensamentos, muitas vezes, é incerta, e reavaliada constantemente no decorrer da escrita. É intimidade exposta. Revela o instante de maneira igualmente espontânea. Expõe o vivido em situações, às vezes no limite da exaustão corpórea e emocional, às vezes narra situações discretas e de tranquilidade. Mas, no momento da

fixação em escrita, o momento aparente instantâneo, instintivo, já aparece incorporado, racionalizado, absorvido e filtrado. Escrito em situação limítrofe entre intimidade absorvida e exposição seletiva, posicionada na esfera entre o Eu e os Outros – os possíveis futuros leitores –, o texto é, ao mesmo tempo, um meio de autoafirmação e de autocensura.

O diário, como documento, é importante para quem, para que? Um argumento a favor da publicação do diário é sua importância como documento histórico e jurídico. Bem, isso pode ser dito para praticamente todos os documentos. A questão é: importante para quem, para que? Certamente para pessoas que praticam e que se interessam pelo fazer arqueológico, pessoas que se interessam pela história da pesquisa arqueológica na Amazônia, curiosos e curiosas em geral, e especialistas de diversas áreas de conhecimento da Etnologia, Psicologia, Botânica, Zoologia, Sociologia, Geografia, Economia e outras.

Quem seriam esses futuros leitores? Para quem Peter Paul Hilbert escreveu esse diário? Certamente, e em primeiro lugar, para si mesmo, pois um diário é também agenda. Pode ser projeção, precaução e suporte importante nos processos de memorização de datas, horários, nomes de pessoas, animais, lugares, coisas e todas as informações úteis no futuro e em outras vivências. Pode conter “etiquetas” que resumem ideias dispersas, pode conter “borrões” para projetos, ideias antecipadas e verbalizadas, ou simplesmente momentos paralisados no fluxo dos acontecimentos e feitos texto.

Outro argumento a favor da publicação do diário é que cada vez mais diários e notas semelhantes a diários e suas transformações em autobiografias, tanto depoimentos e personagens do passado como escritos por autores contemporâneos, são publicados todos os anos e encontram numerosos seguidores interessados (Lejeune, 2014). Autobiografias, relatos de viagens, diários de

guerra, anotações feitas em processos de pesquisa e durante experimentos químicos, físicos, medicinais, diários de dietas, diários de sonos, tratamentos psicológicos, visões religiosas, diários fictícios etc., muitos passam por um crivo, são editados ou, quando “postados”, passam pelo controle das provedoras. Diários que são publicados dificilmente não passam por esse processo de “maquiagem”. O diário de pesquisa de Peter Paul Hilbert, do jeito como está, é autêntico e transmite espontaneidade. Depois de consultar familiares e colegas, resolvi deixá-lo desse jeito e torná-lo público assim como está.

O texto e sua lida

Como seria sua leitura?

Comecei a ler, virando as pequenas páginas com cuidado. O texto foi escrito em alemão, com exceção de algumas palavras em português e inglês. A leitura mostrou-se difícil. As linhas do lápis estão bem apagadas. Em algumas páginas e em alguns trechos do texto a escrita já está quase invisível. Peter Paul Hilbert possuía uma grafia expressiva (Figura 1 e Figura 2). As letras são pequenas e regulares. Entretanto, em algumas, como “j”, “z”, “d”, “f”, “l”, e em outras que ocupam os três andares da imagem caligráfica, as linhas foram desenhadas com um traço enfático, ultrapassando claramente seus limites, para cima e, principalmente, para baixo.

Conheço bem sua caligrafia. Mesmo assim, demorei muitos dias para terminar a leitura e muitos outros mais para transcrever o texto. Admito que, apesar disso, algumas palavras permanecem inacessíveis para mim. Esses trechos incompreensíveis marquei na tradução com “(…)” e marquei com “[...]” minhas inclusões de caráter explicativo.

A leitura tornou-se difícil por vários motivos. O estado geral

de preservação do diário, o uso do lápis como instrumento de anotação⁹, a maneira de escrever, o estilo abreviado e curto da narrativa e, relacionado a tudo isso, as condições e o contexto em que o diário foi escrito; durante as escavações, na canoa, sentado no chão molhado, raras vezes protegido, confortável ou sentado em uma rede. Percebe-se no texto, claramente, quando essas situações adversas ou de conforto ocorriam. No caso de situações confortáveis ou de sossego, a narrativa é mais detalhada, mais precisa, faltam as abreviações, a escrita é mais clara e as letras foram desenhadas com mais cuidado. Em alguns casos, ele acrescentou no meio da escrita pequenos desenhos ilustrando o conteúdo textual. Quando as condições de registro eram agitadas, exigindo concentração naquilo que estava sendo feito, quando tudo acontecia no mesmo instante e quando surgia aquela ansiedade de colocar em palavras aquela sensação da descoberta, as anotações aparecem fragmentadas, abreviadas e na correria. Frequentemente, o assunto tratado nessas condições de pressa e de volatilidade termina abruptamente, para logo iniciar outro assunto.

15

A fala e as palavras

Como era a comunicação entre os “Evans”, Peter Paul Hilbert, os fazendeiros e os populares da ilha do Marajó?

Os “Evans”, naquela época, provavelmente já falavam razoavelmente bem português. Clifford Evans também tinha algum conhecimento em espanhol, pois anos antes tinha participado de pesquisas arqueológicas no Peru, junto com Gordon Willey, James Ford e William Strong. Peter Paul Hilbert vivia no Brasil desde 1947, lia e falava bem português, participava do círculo literário

⁹ Peter Paul Hilbert usava lápis para todas as suas anotações e desenhos. Tinta ou caneta preta significava para ele algo terminado, um gesto definitivo.

do “Grupo dos Novos” em Belém (Rosa, 2008, p. 30). A conversa direta entre os “Evans” e Peter Paul Hilbert, quando se tratava de assuntos arqueológicos, provavelmente era em inglês. Posso deduzir isso pelo uso ocasional de palavras em inglês no diário, como: “*Strata-cut*”, “*strata-pit*”, “*surface collection*”, “*mound builder*”, “*temper*” e “*headwater*”. Essas palavras invadem o diário nos trechos que discutem e refletem sobre assuntos arqueológicos, mas são monólogos. Nessas ocasiões, Peter Paul Hilbert dialoga com os “Evans” apenas indiretamente. Discute, de maneira introspectiva, as interpretações dos “Evans” a respeito do povoamento da Amazônia, condições e determinismos ambientais, elementos decorativos das cerâmicas, Fases e Tradições Arqueológicas e o valor das seriações como método para definir cronologias através das sequências culturais. No texto do diário, os “Evans” não têm voz, nem fala. Eles aparecem no texto, de forma indireta, nos monólogos arqueológicos e nas falas de outros atores citados por Peter Paul Hilbert em seu diário.

Palavras em português entraram de maneira mais orgânica e casual no texto, anunciando alguém que já começava a pensar também numa outra língua, naquela do seu contexto diário. Palavras como “canoas”, “tesos”, “matos”, “pesquisas”, “igaçabas”, “farinhas”, “fazendas”, “fazendeiros” e “caboclos” são frequentes no texto. Essas palavras em português entraram no texto nas ocasiões diretamente relacionadas ao mundo “caboclo”, usando termos que não existem, nessas conotações, na língua alemã. Portanto, ele usou os termos corretos em português. Interessantes e reveladoras na procura por uma expressão adequada são suas releituras gramaticais e a criação de palavras híbridas como: “*gadoboote*” (barcos que transportam o gado), “*Caboclobehauung*” (Casa do caboclo) ou “*Grossfazendeiros*” (Fazendeiros latifundiários).

A inclusão de palavras em português e inglês espelham a

espontaneidade do diário, sua ligação direta entre as línguas ouvidas, faladas e a língua pensada e escrita. Mostra a habilidade de Peter Paul Hilbert com as falas e com as palavras. Só ele falava e escrevia em alemão! O diálogo em alemão ocorria, nesse contexto, somente entre ele e seu diário.

Os enunciados e os silêncios

O diário, o que ele revela, expõe, o que ele esconde?

A leitura de um texto é, via de regra, sequencial, mas os eventos descritos nesse diário nem sempre são. Isso torna sua leitura surpreendente e desafiante. É um texto com anotações diárias, que mesmo assim, na sua espontaneidade, narra ações e eventos com intensidades desiguais, que revela temporalidades díspares e que mede diferentes graus de detalhamento. Poucas palavras soltas podem sustentar os acontecimentos de um dia inteiro. Outros dias são preenchidos com histórias contínuas que fixam eventos e que descrevem minuciosamente pessoas, objetos, animais e paisagens e seus entrelaçamentos.

Esse diário de pesquisa nem sempre possui uma narrativa sequencial e fluída. As narrativas apresentam rupturas, pulam de um assunto para outro. Por exemplo: o texto, em algum momento, trata da descoberta de um cemitério e registra um conjunto de urnas. Imediatamente depois de um croqui, que mostra a localização das urnas, o assunto muda completamente e pula, avançando no tempo e nos pensamentos, descrevendo alguns pássaros sobrevoando este panorama.

Entre o evento do desenho das urnas funerárias e o episódio dos pássaros, seguramente ocorreram outros acontecimentos não registrados. Nesse instante, Peter Paul Hilbert apenas desenhou e anotou um tipo de lembrete, um tipo de “etiqueta” para depois

ressuscitar os eventos ocorridos e guardados na sua lembrança. Para ele, na sua memória, a história dessa descoberta fazia sentido, preenchia toda sua memória, ondulava suas emoções. O “apagão” está na cabeça da pessoa que lê e que tenta compreender a narrativa.

Para não deixar rupturas e “mal-entendidos” na cabeça da pessoa que está lendo esse texto, quero anunciar, na sequência, diferentes cenários descritos e ilustrados por Peter Paul Hilbert. O primeiro cenário trata das arqueologias, outros apresentam registros ornitológicos e ambientais, seguidos por cenários com descrições etnológicas, reflexões sociológicas e observações relacionadas ao ambiente modificado. Quero mostrar que esses cenários descritos e ilustrados por Peter Paul Hilbert, aparentemente estáticos e desconexos, se interconectam através de uma relação dinâmica que até pode ser chamada de “ecológica”.

As revelações arqueológicas

Quais são os contextos arqueológicos enunciados no diário?

Peter Paul Hilbert nunca tinha participado de uma pesquisa arqueológica antes. No Museu Goeldi, na véspera dessa expedição à ilha do Marajó, ele foi submetido pelos profissionais norte-americanos, a um rápido processo de aprendizagem e de iniciação aos métodos e abordagens teóricas da ciência arqueológica, sobre a qual ele nunca ouvira falar antes e que nunca foi colocada em prática na Amazônia.

Os “Evans” posicionaram seu aprendiz diretamente no centro dos debates, envolveram ele nas suas próprias dúvidas e incertezas, talvez como processo didático de aprendizagem ou por necessitarem de uma voz crítica ao método proposto. Discutiram juntos, experimentaram, mudaram as classificações

e redefiniram os critérios de análise do material arqueológico coletado anteriormente nas ilhas do Marajó, Caviana, Mexiana e o Amapá (Sombrio, 2022, p. 218).

Esses debates intensos a respeito dessa nova maneira de criar, através de métodos estatísticos e de quantificar atributos tecno-tipológicos diagnósticos, uma cronologia cultural perseguiram Peter Paul Hilbert nas suas imaginações e interpretações arqueológicas anotadas no seu diário de campo. Por esse motivo, provavelmente, as narrativas arqueológicas estavam restritas a um escopo temático que abrangia preocupações sobre, por exemplo, estilos cerâmicos e técnicas decorativas como indicadores de diferentes culturas em desenvolvimento. Entre cogitações sobre o surgimento de uma cultura, o desaparecimento e a decadência cultural de outras, ele procurava relacionar às estratigráficas, sempre com o intuito final de montar uma sequência cultural, do jeito como ele aprendeu (Diário, p. 3-4). Essa preocupação foi tão determinante que Peter Paul Hilbert até chegou a duvidar se alguns dos cortes estratigráficos realizados em certos tesos realmente serviriam como base para elaborar uma estrutura espaço-cronológica confiável que pudesse explicar mudanças na cultura marajoara (Diário, p. 11-12).

Entre esses cortes estratigráficos “duvidosos”, estava justamente o lugar onde foi encontrada aquela urna funerária, a famosa “grande igaçaba”. Para Peter Paul Hilbert, esse corte estratigráfico pouco serviria para fins estatísticos. Sua avaliação inicial muda completamente com a descoberta do conjunto de urnas funerárias. Ele anota no seu diário: “A grande igaçaba. Uma peça maravilhosa!” (Diário, p. 11). Essa manifestação textual, lacônica, é verdade, ganha sentido com as fotos tiradas durante a descoberta dessa urna funerária. As imagens mostram o envolvimento de pessoas em ação, com uma urna funerária policroma que se

tornaria depois um verdadeiro ícone da identidade arqueológica brasileira, um tesouro inestimável da cultura marajoara (Lima, Barreto; Lima, 2020).

Entre pássaros, palmeiras e paisagens criadas

Como se chama este pássaro, qual o nome dessa palmeira? Quem plantou essa árvore?

De tempo em tempo, Peter Paul Hilbert olhava para o céu. Esse gesto fazia parte do seu jeito de ser. Seu olhar seguia o voo dos pássaros atravessando os campos alagados, repousando nos galhos secos das árvores afogadas, ou parados, de pênaltas, nas margens dos córregos e dos lagos. Anotava seus nomes, notava seus cantos, descrevia suas plumagens, cor, forma, analisava seu jeito de voar, em dupla, em grupos amontoados ou formando longas correntes riscando os céus no final da tarde. Como observador atento, ele não tinha como ignorar esses espetáculos que a paisagem marajoara lhe oferecia diariamente. No seu diário, ele detalhou tudo isso, anotou esse movimento celeste, às vezes aparentando fora do contexto. A variedade entre os pássaros observados e nomeados é surpreendentemente grande: garça, pato, cegonha, anu, tucano, gavião, guará, socó e beija-flor, entre outros. Como ele conhecia todos esses pássaros, como ele sabia seus nomes? Não sei. Pode ser que ele já sabia, ou aprendeu seus nomes perguntando aos guias locais.

Outras relações e trocas de informações podem ter ocorrido quando penso nas palmeiras. Peter Paul Hilbert não ignorou a grande variedade de palmeiras na paisagem, nas matas ciliares, que cresciam sobre os tesos, perto das casas ou como marcos isolados na paisagem dos campos alagados durante a temporada das chuvas. Ele percebeu que diferentes espécies de palmeiras

mostram diferentes comportamentos e se desenvolvem melhor em certos ambientes, em comparação com outros. O açaí cresce em conjuntos familiares, em amontoados e perto das casas. Os inajás mantêm certo distanciamento uns dos outros e preferem as áreas mais elevadas, crescem bem em Terras Pretas, suas folhas servem para cobrir as casas e para dividir os quartos dos seus moradores. O buriti, majestoso, gosta de se exibir nos campos alagados da ilha e distribui, generosamente, suas frutas gostosas que boiam e que são levadas pelas correntezas para outros lugares e consumidas pelos animais e pelas pessoas.

Peter Paul Hilbert fez algumas observações interessantes a respeito das paisagens domesticadas, feitas casas, que valem a pena serem citadas e comentadas aqui.

21

Monte Carmelo, sobre os dois tesos crescem árvores velhas e grandes, as raízes arrebetam as igaçabas. Sobre ambas as elevações existem cacauzeiros, único lugar nas redondezas onde eles crescem. Foram trazidos pelos indígenas? Reprodução através de centenas de anos, autodisseminação?

Os coqueiros foram plantados pelo pai do atual dono. Bananeiras crescem sobre o teso, bem como tangerinas, cacau, laranjeiras, cupuaçu, café, açaí, tudo cresce bem nesta antiga terra de índio, cheio de restos, carvão e cinza. (Diário, p. 4-6)

Observando os pássaros, as palmeiras e as paisagens criadas, Peter Paul Hilbert não apenas criou um cenário de uma paisagem fantasiosa. Ele criou um emaranhado complexo entre pássaros, palmeiras, paisagens, tesos, pessoas e sítios arqueológicos. Esta era sua linha de raciocínio: é só seguir com seus olhos os pássaros,

que procuram repouso e alimentos nas palmeiras, que crescem sobre os tesos construídos pelas antigas populações da ilha e atual moradia da população marajoara, para encontrar, facilmente, aquele lugar que hoje é um sítio arqueológico.

Entre casas, remos, canoas e cacos

Como se constrói uma casa na ilha que fica alagada durante a metade do ano? Qual é a diferença entre os diversos tipos de embarcações e como se usa um remo? Quanto valem os cacos?

Neste contexto das observações de conteúdo etnológico, ofereço três conjuntos temáticos: o espaço físico de uma casa, a cultura material feita e manipulada por seus moradores e o convívio deles com os sítios arqueológicos.

Novato no palco da Arqueologia e aprendiz nos métodos e nas teorias, Peter Paul Hilbert foi especialista e veterano no campo das práticas da Etnologia. Observar as condições de vida e o cotidiano da população local, esse campo de atuação ele dominava bem. Com experiência no norte da África durante a guerra, ele depois estudou Etnologia, com especialização em Arte Africana, na Universidade de Zurique, antes da sua vinda para o Brasil.

A descrição minuciosa de uma casa vernácula, o material usado para sua construção, a organização e a distribuição dos espaços, as tralhas (a cultura material), confeccionada e usada pelos moradores e moradoras da casa, ocorreu durante a estadia dos pesquisadores em uma dessas casas. Não tenho certeza, mas acredito que se tratava da casa da família do Sr. Pedro Araújo, que foi construída sobre o teso dos Camutins, onde Betty Meggers, Clifford Evans e Peter Paul Hilbert passaram uma noite (entre 17 e 18 de maio). Conforme as anotações no diário de Betty Meggers, os três dividiram um quarto onde mal cabiam suas redes,

praticamente não dormiram esta noite de tanto calor e castigados pelos inúmeros mosquitos (Sombrio, 2022, p. 219)¹⁰.

Enquanto as anotações arqueológicas apresentam uma narrativa presa a um determinado modelo conceitual, os relatos, descrições, observações e interpretações relacionadas ao mundo da população local são detalhadas, mostram envolvimento e respeito para com os conhecimentos e habilidades tradicionais dos moradores da ilha do Marajó. Peter Paul Hilbert fez uso do detalhamento minucioso dos contextos observados e acresceu aos textos descritivos alguns desenhos explicativos.

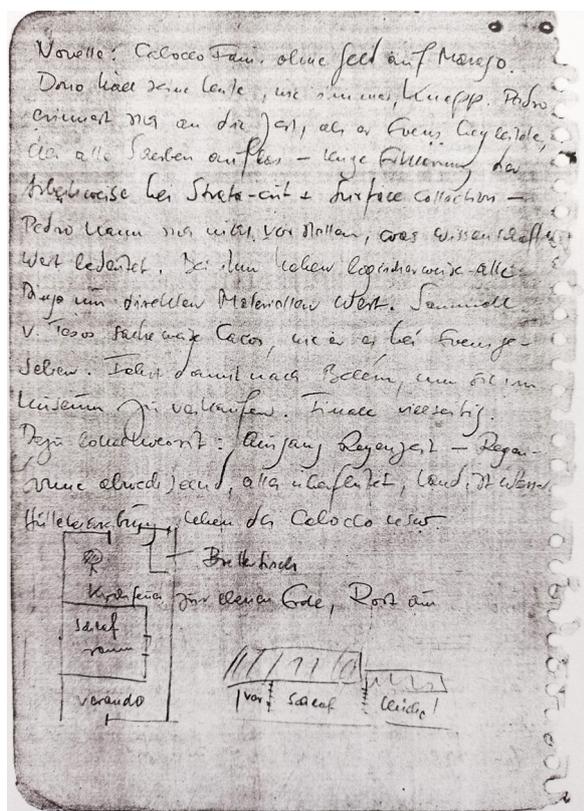


Figura 1: Diário de Peter Paul Hilbert: planta baixa de uma casa tradicional. Fonte: Hilbert (1949, p. 9).

Compostas por frases curtas, palavras-chave e desenhos, essas duas páginas do caderno são como um quadro usado em

¹⁰ Por falta de acessibilidade aos diários de campo de Betty Meggers, procurei auxílio na tese de doutorado e nas publicações de Mariana Sombrio.

sala de aula para explicar aos estudantes o cotidiano e o modo de vida da gente marajoara. Mostra a planta baixa e a lateral da casa: a entrada com uma varanda coberta na frente, depois o quarto de dormir, um corredor que leva a uma outra construção, mais baixa e anexada à primeira, onde se encontra a cozinha; uma mesa no canto à direita, ao lado uma abertura e no centro uma estrutura de combustão, colocada diretamente sobre o chão de terra batida. Como panelas e potes para cozinhar, a dona de casa usava recipientes e urnas funerárias da cultura marajoara que encontrava, praticamente inteiras, no sítio arqueológico sobre o qual a casa foi construída. Na página seguinte encontram-se desenhos, feitos a lápis, que representam uma escada feita de um só tronco, com entalhes laterais, para acessar a moradia, um arpão, com ponta de ferro, uma cortina enrolada, feita de varas de madeira e um cipó como amarração. O remo feito de uma única peça de madeira é um corpo esculpido: a empunhadura côncava para caber a mão e para controlar a direção, a garganta, o pescoço e os ombros para colocar força na ação, de acordo com a situação, a pá redonda, simplesmente perfeita e eficiente, para empurrar a canoa.

sobre o jeito correto e eficiente de movimentá-la, o diário oferece a seguinte descrição:

‘Casca’ é uma canoa leve para uma só pessoa que senta na popa e rema, quase mecanicamente, com pequenas e curtas batidas, virando levemente o remo o que provoca o efeito de uma hélice. É uma maneira rápida de se movimentar, entretanto só funciona com pessoas leves. (Diário, p. 16)

Certa preocupação com a preservação dos sítios arqueológicos e com os tesos da cultura marajoara toma conta em alguns trechos do diário. São trechos como: “fragmentos cerâmicos (cacos) na superfície em ambas as encostas dos tesos. Às vezes parece como se fosse pavimentado” (Diário, p. 6) ou o pisoteado do gado, que procura as terras mais altas, os tesos, durante o período das enchentes, que afeta a preservação do material cerâmico e as evidências arqueológicas, além das atividades relacionadas ao cotidiano dos moradores locais. Como curiosidade e certamente com a intenção de exemplificar a esperteza do morador local em relação com os forasteiros, Peter Paul Hilbert contou um episódio que muitos de nós já vivenciamos, quando escavamos sítios arqueológicos em propriedades particulares.

Pedro se lembra do tempo quando ele acompanhou os Evans nas suas pesquisas e observou, habilmente, como foram feitas as coletas superficiais e os cortes estratigráficos. Pedro não pode imaginar o que significa o valor científico das coisas. Para ele, é óbvio, todas as coisas têm diretamente um valor material. Ele coletou do teso, sacos e mais sacos de fragmentos cerâmicos, do jeito como ele viu os Evans fazer e depois viajou para Belém

para vender a cerâmica para o Museu. (Diário, p. 9)

Esse episódio, que foi narrado em seu diário, é preocupante do ponto de vista da preservação dos sítios arqueológicos, pela falta de orientação e esclarecimento, através de uma educação patrimonial adequada, por parte dos profissionais naquela época.

Entre vaqueiros, fazendeiros e comércio

Como o fazendeiro trata seus empregados, os vaqueiros? Quanto custa um quilo de café, açúcar?

Escrito às pressas, entre cansaço, desconforto e disciplina, Peter Paul Hilbert sempre manteve a chama no seu diário de campo acesa. No final da expedição, aguardando a “carona” que levaria Betty Meggers, Clifford Evans e ele de volta para Belém, junto com centenas de cabeça de gado, e com centenas de sacos de pano repletos com cacos cerâmicos, urnas funerárias e a “grande igaçaba”, surgiu uma brecha, uma quebra no ritmo alucinante na agenda dos pesquisadores.

O que aconteceu? Nada! De repente, durante a espera, Peter Paul Hilbert caiu na realidade e percebeu que eles eram forasteiros, apenas passageiros e espectadores nesse mundo diferente dos seus e que os verdadeiros atores da história eram outros. Mesmo assim, ele não parou de observar, de avaliar e de anotar suas impressões no seu caderno de campo. Com mais sossego, as frases são mais longas, as histórias mais detalhadas. Até esse momento, ele tinha construído um cenário com pássaros, palmeiras, campos alagados, casas em palafitas e sítios arqueológicos. Por fim, ele encontrou tempo e musa para colocar pessoas no palco, envolvendo-as em história realmente vividas.

O aspecto tratado no final do diário é também de conteúdo

político e social. Trata da exploração do “caboclo”¹¹ pelos fazendeiros e pelos comerciantes. Peter Paul Hilbert denuncia as condições precárias de saúde, a falta de atendimento médico, a falta de escolas e a situação financeira de endividamento crônico da população. Culpados são “estes fazendeiros de bochechas roliças, estes modernos escravocratas!” (Diário, p. 15). “Ele não tem o mínimo interesse humano nos seus trabalhadores. Antigos restos dos tempos da escravidão” (Diário, p. 17).

No mesmo patamar de avaliação negativa, em termos de exploração da população marajoara, Peter Paul Hilbert coloca os comerciantes. Diz. Os comércios são escassos, vendem de tudo, mas com preços muito elevados, por falta de concorrência. Ele compara os preços das mercadorias em relação com os salários dos vaqueiros que ganham 4 Cr\$ por dia¹². Um saco de farinha, por exemplo, é vendido por 140 Cr\$, 1kg de café por 12 Cr\$, açúcar por 6 Cr\$ (Diário, p. 11).

Contrastando com esse cenário acusador e provocante, o “caboclo” e os vaqueiros despertaram sua admiração e simpatia. Ele descreveu personagens emblemáticas, por exemplo, o capataz da fazenda, comparando-o com um herói das Lusíadas, meio durão, fechado, com autoridade e quieto. Ou o fiscal da fazenda como personagem esperta, cômica, falante, ardiloso e repleto de autoestima. Peter Paul Hilbert defendeu o “caboclo”, visto pelos fazendeiros como preguiçosos, submissos, doentes e fracos por natureza, afirmando categoricamente que são “caras de primeira”.

Peter Paul Hilbert teve tempo para olhar e para descrever, detalhadamente, o jeito de se vestir, cores e tecidos das roupas, corte de cabelo, os chapéus de palha de abas largas, os gestos, a maneira de andar, de se posicionar, o sorriso, enfim, expressando,

¹¹ Em seu diário, Peter Paul Hilbert usa “caboclo” para se referir à população tradicional da Amazônia. Decidi manter esse termo, nesse contexto, colocando-o entre aspas.

¹² 1.000 Cr\$ (em 1950) equivalem a 0,36 Reais (em 2024). https://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html.

desse modo, sua grande admiração com essa gente admirável. A cultura material, o equipamento de trabalho do vaqueiro também chamou sua atenção. Com o olhar do conhecedor, ele observou os laços de couro trançado, detalhes técnicos, sua eficácia, ou o jeito de portar o facão na cintura e as esporas usadas nos pés descalços.

O diário de Peter Paul Hilbert termina como se fosse a última cena de um filme.

Araras em busca de suas árvores de repouso, sempre dois em dois, tucanos com seus bicos compridos, batendo suas asas curtas, voam em rápidos intervalos, os rabos compridos, claridade nos seus bicos, um bando de garças. (Diário, p. 17)

Um passeio maravilhoso ao anoitecer! O diário termina aqui, um dia antes da chegada em Belém.

29

As imagens reveladas

Qual é a história mostrada pelas imagens?

Na gaveta do seu escritório, dentro da caixa, por baixo da prancheta com as páginas do diário, encontrei uma pasta de papelão de cor verde-acinzentada. Nela colada estavam algumas fotografias em preto-e-branco, do tamanho 4x3 cm, outras achei soltas na caixa. Trata-se de “cópias-de-contato” dos negativos¹³. Para não gastar à toa, antigamente, mandava-se fazer primeiro cópias do tamanho dos negativos, para depois de selecionadas as melhores imagens e descartadas as que não serviam, encomendava-se as cópias definitivas e de tamanho maior.

São 14 fotos em preto-e-branco, do tamanho de negativos, uma maior, em preto-e-branco e quatro imagens coloridas em

¹³ Infelizmente, não tenho mais os negativos originais.

forma de diapositivos.

Agrupei as pequenas fotografias em preto-e-branco, entorno dos seguintes conjuntos temáticos: cavalgada em áreas alagadiças (duas fotos); casa sobre palafita (uma foto); anotações no diário e repouso (duas fotos); preparo para o transporte da urna funerária e retorno para casa em canoa (três fotos) e, finalmente, cenas de escavação, resgate e condicionamento da urna funerária (seis fotos).

As quatro imagens coloridas, de autoria de Peter Paul Hilbert, e a maior em preto-e-branco, que mostra Clifford Evans e Peter Paul Hilbert carregando a urna funerária, já foram publicadas em diversas ocasiões (Hilbert, 1964; 1986).

As pequenas de preto-e-branco que estavam coladas na pasta, foram desconsideradas para fins de publicações, mas guardadas, por Peter Paul Hilbert, como registro e documento (Hilbert, 2009). Elas foram desconsideradas por estarem fora de foco, com enquadramento inadequado ou sem relevância para um relatório científico.

Essas 14 imagens são como “janelinhas” abertas que dão acesso a outras histórias. As tratarei com carinho, colocando-as nas frestas do texto do diário, não como ilustração, mas como um espetáculo dinâmico e trazendo movimento à história narrada em texto. Do jeito como Peter Paul Hilbert escreveu o texto do diário, espontâneo, às vezes fragmentado, com um olhar vagante e, às vezes, narrando minuciosamente os eventos ocorridos, descrevendo e desenhando objetos da cultura material pertencente à população local, assim podemos ver as imagens e as histórias que elas revelam.

A cavalgada

Duas pequenas fotos retratam a cavalgada pelos campos alagados, que ocorreu no segundo dia da expedição. Elas não foram selecionadas, por estarem fora de foco e com a linha do horizonte inclinado. Peter Paul Hilbert, muito provável, retratou essa cena em movimento, sentado no cavalo, lentamente seguindo a trilha aberta pelos quatro vaqueiros em sua frente. A linha do horizonte é alta, marcada pela mata escura, contrastando com o céu claro. A trilha se abre em uma perspectiva ampla que inicia na frente do olhar do fotógrafo e que termina nos vaqueiros distantes, já quase fora do seu alcance.



Figura 3: Fotografia mostrando campos alagados na ilha do Marajó. Fonte: Hilbert (1949).

A outra imagem mostra movimento. Cinco vaqueiros se aproximam da posição do observador, ligeiros, atravessando um campo parcialmente alagado. A posição do observador é elevada. No primeiro plano, um vaqueiro de chapéu de palha de aba larga, com a mão esquerda casualmente segurando as rédeas, já está quase saindo da imagem pelo lado direito. Os outros quatro vaqueiros, em suas roupas típicas de trabalhadores de campo e repetindo o mesmo repertório gestual, seguem o primeiro em posição escalonada e sobrepostos. O último, entrando na imagem pelo lado esquerdo, já em certa distância do primeiro grupo, coloca ponto final na sequência dessa narrativa visual.



Figura 4 - Fotografia mostrando vaqueiros na ilha do Marajó. Fonte: Hilbert (1949).

A casa

A foto da casa de madeira de parede e de telhado de palha de palmeira, construída sobre palafitas, foi tirada da canoa em movimento. Às pressas, de passagem. Nota-se as ondas borradas em primeiro plano. Essa imagem de uma casa marajoara tradicional, localizada em uma área completamente alagada, foi

feita com o intuito de registrar também um grande recipiente cerâmico da cultura marajoara, parecida com a urna funerária, posicionada na varanda, frente à entrada da casa. Essa imagem registra o cotidiano da população local, bem como a relação de inclusão que os moradores têm com os vestígios da cultura marajoara arqueológica. O grande recipiente de cerâmica servia para guardar água potável, escassa na época da chuva e das inundações. No texto do diário, Peter Paul Hilbert refere-se a esse costume, bem como ao costume de manejo de árvores frutíferas em tesos arqueológicos. Uma outra casa de uma família local, por ele chamada de “cabocla”, foi descrita por Peter Paul Hilbert com o olhar de etnólogo. Ele descreve e desenha a disposição dos cômodos, sala, cozinha e alguns objetos da cultura material como arpões, remos e janela (Diário, p. 11).



Figura 5- Fotografia de uma casa na ilha do Marajó. Fonte: Hilbert (1949).

O repouso

Duas fotos emitem tranquilidade através de um cenário de repouso. A primeira mostra Betty Meggers sentada no chão, entre folhas, palmeiras e arbustos, mergulhada na manutenção de seu diário de campo. Toda protegida, vestida de calça, botas,

blusa com mangas compridas e chapéu de palha com abas largas. Aparentemente, ela usa nele um véu para se distanciar do seu entorno e para se proteger dos insetos. O fotógrafo retratou-a em um ambiente de privacidade, em situação de vulnerabilidade em seu esconderijo. Pegou-a de surpresa. Percebendo sua presença, ela aceita sua aproximação, sem levantar a cabeça, apenas soltando um sorriso leve, quase imperceptível, em sua direção e continua escrevendo.



Figura 6- Fotografia retratando Betty Meggers, fazendo anotações em seu diário. Fonte: Hilbert (1949).

A outra foto captura uma situação de intimidade do casal Betty Meggers e Clifford Evans. Os dois estão repousando, meio sentados, meio recostados, em uma canoa larga e de bom tamanho, encostada às margens de um córrego. O sorriso volátil e seus olhares na direção ao observante, assinala seus consentimentos de serem retratados pelo fotógrafo que, de certo modo, interrompe essa cena de privacidade. Dois homens, sentados em outra canoa ao lado, na sombra da mata, de perfil e na contraluz refletida pela superfície da água, estão envolvidos em suas próprias privacidades. Os remadores, discretamente conversando entre si,

desconectados do diálogo que ocorre entre os três forasteiros, são pegos de surpresa, sem perceber o olhar do fotógrafo.



Figura 7 - Fotografia mostra Betty Meggers e Clifford Evans, descansando em uma canoa, depois do trabalho concluído. Fonte: Hilbert (1949).

35

A partida

Três pequenas fotos em preto-e-branco que formam o conjunto temático relacionado aos preparativos para o transporte dos achados arqueológicos e o retorno para casa são imagens de situações instantâneas. Os personagens não foram posicionados, a foto está um pouco fora de foco, o horizonte inclinado e as pessoas viradas de costas para o fotógrafo.



Figura 8 - Foto mostrando pessoas montadas a cavalo e conduzindo canoas. Fonte: Hilbert (1949).

A outra foto retrata Betty Meggers sentada em uma das canoas, o olhar disperso, aparentemente exausta. Ela não olha para a câmera. No seu colo repousa uma grande bolsa de tecido grosso. Em torno dela, movimentos. Cavalos e homens, de calças arregaçadas, andando na lama até os joelhos, cuidando da sua montaria.



Figura 9 - Fotografia de Betty Meggers sentada em uma canoa. Fonte: Hilbert (1949).

A imagem retrata a pesquisadora sentada, descansando, enquanto espera pelo material arqueológico ser guardado nas

canoas.

A terceira foto desse conjunto temático mostra Betty Meggers e Peter Paul Hilbert, lado a lado, em uma canoa em movimento, conduzida pelo remador, sentado na popa do barco e parcialmente encoberto por ela. No banco, entre os dois, está a grande bolsa de pano, contendo itens de uso pessoal, talvez máquina fotográfica e material de documentação. Betty Meggers, de pernas cruzadas e os braços entrelaçados, em posição de reclusão, não está olhando para o fotógrafo – Clifford Evans –, mas para algum lugar distante, seguindo seus próprios pensamentos. Distraída, ela segura na mão esquerda um pequeno ramo com flores. Sentado no estibordo, ao lado dela, Peter Paul Hilbert está remando, movendo-se devagar, apenas mantendo a canoa em equilíbrio. Ele também evita o contato direto com o fotógrafo, olhando para cima e além das cúpulas das árvores. Sua expressão facial expressa certo desconforto. Sem dúvida, esta imagem capturou um momento de tensão e de cansaço durante o retorno para a casa, depois da grande descoberta.



Figura 10 - Foto de Betty Meggers e Peter Paul Hilbert sentados em uma canoa, no retorno após a escavação realizada em Monte Carmelo. *Fonte: Hilbert (1949)*

A Descoberta

A sequência das seis fotos, de caráter instantâneo, que retrata a retirada da urna é simplesmente espetacular! Mostra um time entrosado, agindo em sincronia, dialogando constantemente. Na minha imaginação, até daria para ouvir as palavras de incentivo e de comando.

A primeira imagem mostra Cliff¹⁴ dentro do corte estratigráfico, retirando dele o sedimento de terra preta. Ainda falta muito para atingir a profundidade onde estão as urnas funerárias. Na borda do buraco, de costas para a câmera, está sentado um jovem morador local, observando.



Figura 11 - Fotografia de Clifford Evans no interior de uma escavação. Fonte: Hilbert (1949).

A imagem em sequência agora registra as urnas em repouso, com escala.

¹⁴ Na descrição das imagens optei por usar os primeiros nomes como meio literário de expressar a aparente sincronia entre as pessoas envolvidas nessas ações da descoberta da “grande igaçaba”. Peter Paul Hilbert costumava chamar Clifford Evans pelo seu apelido “Cliff”.



Figura 12 - Fotografia mostrando urnas funerárias em situação de "in situ".
Fonte: Hilbert (1949).

Essa imagem retrata o conjunto de urnas funerárias da cultura marajoara encontrado no teso de Monte Carmelo. Em seguida, Cliff tenta capturar uma delas, a maior, com uma corda. A foto está superexposta e com marcas de digitais no negativo.



Figura 13 - Fotografia de Clifford Evans preparando a urna para ser retirada.
Fonte: Hilbert (1949).

A próxima cena revela ação. Betty, agachada na beira do buraco, toma conta da situação, segurando as cordas. Um enorme chapéu de palha encobre totalmente seu rosto. Cliff está dentro

do buraco, virado para o fotógrafo, com um sorriso raso. Seu olhar pede ajuda, fala alguma coisa.



Figura 14 - Fotografia de Betty Meggers e Clifford Evans na tentativa de retirar a urna funerária. Fonte: Hilbert (1949).

Enquanto Betty Meggers, na beira da escavação, está segurando as cordas amarradas na urna. Clifford Evans, no interior da sondagem, procura ajuda.

A máquina fotográfica, que registra esse evento, agora troca de mãos. Peter e um dos populares seguram a corda, puxam com força. De pernas abertas, o enorme peso da urna dobra e inclina seus corpos, as mangas das camisas arregaçadas, braços e mãos são tencionadas, enquanto isso, Cliff, bem no cantinho direito da imagem, sorria para a câmera, evidentemente, para Betty. Ainda

procurando apoio, desta vez moral?



Figura 15 - Fotografia de Peter Paul Hilbert, tentando retirar a urna funerária.
Fonte: Hilbert (1949).

Com auxílio, o pesquisador está se esforçando para retirar a pesada urna para fora da escavação arqueológica. Agora vai, respira fundo. Força! Cliff, dentro do buraco, está praticamente sustentando todo o peso da urna funerária, enquanto Peter e os ajudantes estão puxando a urna pelas cordas até a beira da escavação. Que movimento! Que agitação! Que emoção! Quase a metade dessa imagem está borrada. Betty encobriu a lente com o dedo. Não importa! Que momento! '



Figura 16 - Fotografia retratando Peter Paul Hilbert, Clifford Evans e moradores locais na tentativa de retirar a urna funerária para fora da escavação. Fonte: Hilbert (1949).

Poucas vezes vi na arqueologia uma sequência tão emocionante e repleta de dinamicidade, capturada em apenas poucas imagens. E pensar que quase foram descartadas!

Depois chegou o momento de recompensa. Clifford e Peter carregando a “grande igaçaba” como um troféu, recompensa para os esforços de todos. É um retrato pousado, feito para mostrar, ao mundo lá fora, o sucesso desse empreendimento científico. Betty, talvez já pensando mais adiante, montou esse cenário. Com a máquina fotográfica na mão, ela colocou Clifford, confiante e em primeiro plano. Peter atrás, com um olhar um pouco desconfiado, como era do seu jeito e como vi muitas vezes em outras ocasiões.

Um olhar para baixo, talvez de cansaço, de timidez?



Figura 17 - Fotografia retratando Clifford Evans e Peter Paul Hilbert carregando juntos a urna funerário do teso de Monte Carmelo. Fonte: Hilbert (1949).

Esta imagem e as fotos coloridas contam outra história. Elas repercutiram no mundo arqueológico com uma sonoridade diferente e contribuíram para a criação de um produto de *marketing*, nesse mundo arqueológico competitivo, um mundo que se sustenta pelas imagens e pelo imaginário. Peter Paul Hilbert, novamente de posse de sua máquina fotográfica, trocou o filme, e registrou cenas de incrível sensibilidade, fotos que revelam uma história capturada pelo seu olhar artístico.

A casa sobre palafitas à direita, em primeiro plano, os recipientes cerâmicos da cultura marajoara, usados pela dona de casa para guardar água potável, posicionados ao lado da entrada, o cão dormindo tranquilamente na sacada feita de toras de madeira, a roupa no varal e, embaixo, bem no canto esquerdo do cenário, quase desaparecendo entre água e mato, Betty Meggers e Clifford Evans dando um “banho” na grande igaçaba.



Figura 18 - Fotografia retratando Clifford Evans e Betty Meggers. Fonte: Hilbert (1949).

Temos, além do mais, a imagem de Clifford Evans limpando a urna, a urna limpa pousando no sol, esperando secar, e depois ela sendo transportada, espetacularmente, em uma canoa, quase transbordando e acompanhada apenas por um remador sentado na popa. Céu limpo, com poucas nuvens, o reflexo no espelho d’água, a mata sólida no fundo, aproxima o horizonte que delimita a imagem.



Figura 19 - Fotografia da urna funerária do Monte Carmelo. Fonte: Hilbert (1949).

O depois

O que aconteceu depois dessa expedição científica? Os “Evans” continuaram a ter contato com Peter Paul Hilbert?

Respondendo essa pergunta final: Sim!

Gostaria de ter lido os diários de pesquisa dos “Evans”, melhor dito da Betty Meggers, mas não tive acesso¹⁵. Por esse motivo, busquei por vestígios da presença de Peter Paul Hilbert na publicação de Betty Meggers e Clifford Evans na *“Archaeology at the mouth of the Amazon”* (1957). Nessa obra, publicada sete anos depois do trabalho de campo, me deparei com três citações relacionadas ao nome de Peter Paul Hilbert. Na apresentação do livro, que relata a trajetória da pesquisa, encontrei uma escrita de agradecimentos. Ela é respeitosa, expressa gratidão e elogia o desempenho do novato no trabalho de campo arqueológico e enfatiza sua generosidade em colocar os dados dessa pesquisa à disposição (Meggers; Evans, 1957, p. 203). O texto de agradecimentos termina em suspenso e sem palavras: “Só ele sabe como foi”; e “Não podemos expressar o tamanho do nosso compromisso para com ele” (Meggers; Evans, 1957, p. XXVII).

Na descrição do itinerário da pesquisa, Meggers e Evans relatam resumidamente:

On May 6, accompanied by Peter Paul Hilbert, the ethnologist of the Museu Goeldi, we sailed from Belém to the center of Marajó Island, making our headquarters at Fazenda Campo Limpo near the upper Rio Anajás. Sites J-14, J-15 (with 17 artificial mounds), and J-16 were excavated in the area and we returned to Belém on May

¹⁵ Está disponível em: National Anthropological Archives. Guide to the Betty J. Meggers and Clifford Evans papers Tyler Stump and Adam Fielding Funding for the processing of this collection was provided by the Smithsonian Institution's Collections Care and Preservation Fund.

23¹⁶. (Meggers; Evans, 1957, p. 5)

Menos sintético impossível! Apenas duas frases. Nenhuma palavra, nenhum adjetivo que revelasse alguma emoção, mostrasse algum sinal de sofrimento ou de alegria durante a pesquisa de campo. Adivinhamos, nas entrelinhas dos agradecimentos a Peter Paul Hilbert, que as dificuldades e as situações adversas foram muitas. Sabemos pelo diário e pelas imagens que os sofrimentos e o cansaço foram grandes. As imagens mostram momentos de descontração, de alegria, mas também de esforço físico, cansaço e de esgotamento mental.

Outra visibilidade que surge no *“Archaeology at the mouth of the Amazon”* não é textual, mas imagética. Muitos desenhos dessa publicação foram feitos por Peter Paul Hilbert que tinha habilidades como desenhista e ilustrador. Esses desenhos, elaborados com bico de pena com tinta em nanquim, são expressivos e mais “artísticos”, em comparação com os demais nessa publicação. Naquela época ele não usava o pontilhado como padrão para representar o sombreamento, mas desenhava linhas paralelas precisas com um traço mais grosso no início da linha e afinando, gradualmente, no final, conforme a pressão que aplicava sobre a pena. Ocasionalmente, ele aplicava linhas curtas, para expressar o enfraquecimento da sombra e o aumento da claridade, criando assim, efeitos de incrível luminosidade. Identifiquei setenta desenhos que foram elaborados por ele e publicados pelos “Evans”. Esses desenhos foram feitos, provavelmente, depois da expedição em junho de 1949, antes do retorno de Betty Meggers e Clifford Evans aos Estados Unidos. As reconstruções das formas dos vasilhames, os mapas e os gráficos com as seriações não são de Peter Paul Hilbert. Algumas outras ilustrações também não são

¹⁶ No dia 6 de maio, acompanhados por Peter Paul Hilbert, etnólogo do Museu Goeldi, navegamos de Belém até o centro da Ilha de Marajó, estabelecendo nossa sede na Fazenda Pesquisa Limpo, próximo ao alto Rio Anajás. Os sítios J-14, J-15 (com 17 montículos artificiais) e J-16 foram escavados na área e retornamos a Belém no dia 23 de maio. (Tradução do autor).

dele, mas de um estilo semelhante. Provavelmente, Betty Meggers e Clifford Evans perceberam a necessidade de incluir uma ou outra figura na publicação.

No exemplar do *“Archaeology at the mouth of the Amazon”* que Peter Paul Hilbert possuía, encontrei uma dedicação pessoal na contracapa: “To Peter Paul Hilbert/Who knows what/The fieldwork behind this/Report is like!¹⁷ Betty J. Meggers/Clifford Evans/Washington, D.C./March 9, 1958”.

Foi Betty Meggers que escreveu essa dedicatória em caneta esferográfica azul. Clifford Evans assinou, como sempre, embaixo, com outra caneta de tinta azul mais escura. Essa dedicatória é autêntica, personalizada, revela cumplicidade e afirma, talvez, já amizade. Deixa nas entrelinhas e suspenso no ar, o saber compartilhado a respeito das dificuldades enfrentadas, vividas e resolvidas durante as pesquisas de campo na ilha do Marajó.



Figura 20 - Fotografia da urna funerária do Monte Carmelo: a “Grande Igaçaba”, na exposição do Museu Paraense Emílio Goeldi. Fonte: Kratzenstein (1958).

¹⁷ Para Peter Paul Hilbert, que sabe como o trabalho de campo foi, por traz desse relatório.

Foi a primeira e única pesquisa de campo que realizaram juntos. Permaneceram colegas e compartilharam amizade durante quatro décadas. Os “Evans” contribuíram para a formação acadêmica de Peter Paul Hilbert através de uma bolsa de estudos em Washington, auxiliaram, financeiramente, suas pesquisas arqueológicas no médio rio Amazonas, suas participações em congressos, material de pesquisa, datações e literatura, enfim, contribuíram para a formação da sua rede de relações acadêmicas internacionais.

O Diário

Na tradução do diário de Peter Paul Hilbert, com o relato da expedição arqueológica para a ilha do Marajó tentei, na medida do possível e dentro dos meus limites, reproduzir um pouco o estilo abreviado e sintético da narrativa. Sem torná-lo incompreensível, sem mudar essencialmente a narrativa textual do diário, sem esvaziar seu conteúdo, sem alterar suas características como documento.

6 de maio de 1949 (Página: 1)

Partimos às 20:00h do Ver-o-Peso (Belém) com a lancha, “Espírito Santo”, com motor a diesel de 50 cavalos. O tempo estava bom, lua crescente, início do verão. Belém, descemos pelo rio Guajará, contornamos a ponta sul da Ilha das Onças, entramos no rio Parema - Furo do Arozal, atravessamos a baía de Marajó, com forte maré, passamos pela Ponta das Pedras e entramos no rio Anabijú. Mata em ambas as margens, palmeiras “mirití”, “açai”, plantas d’água, parece painço, árvores de canela, pássaro ciganas. Na medida em que subimos pelo rio, mais campo surgia.

7 de maio de 1949

Viagem do dia: Fazenda "Espírito Santo".

Partimos as 14:00h, (a cavalo) planícies alagados, água, às vezes, até o selim. Atravessamos o rio Guabijí em canoa. Chegamos as 19:00h, Tororo- ótima cavalgada, nadamos mais do que andamos a cavalo.

8 de maio de 1949

Partimos às 12:00h. Viagem do dia: Fazenda "Três Marias", a partir de lá seguimos nossa viagem de canoa. Campo limpo, até onde a vista alcança, somente terra inundada. Tudo verde, claridade, pé-d'água, grama, garças, patos (Página: 2) nas praias, pássaro piaçoca, marrom com pescoço acinzentado, galinácea, do tamanho de um pombo. Às 13:30h chegamos na Fazenda "Boa Vista", as casas sobre palafitas. O sítio Monte Carmelo em 4 m de altura (sítio visitado por Farabee), visível apenas como uma ilha arborizada, um pouco mais alta de que a mata arredor.

9 de maio de 1949

Às 4:00h, viagem de canoa para Monte Carmelo [sítio J-14], pelo rio Fra. Dionísio, um pequeno afluente do rio Anajás. Terra alagada por todas as partes, sumaumeira com cipó e flores. Monte muito alto, no atracadouro uma casa sobre palafita, habitada. Já aparecem da terra as primeiras igaçabas. O teso II mede 6,5 x 4,5 m, o outro, próximo a casa, é mais alto. Fragmentos cerâmicos em todas as partes, nas beiradas do teso mais de que no centro, cerâmica policroma, vermelha, monocroma. - Guará, no mínimo 200 pássaros formando uma cadeia, vermelho contra o céu noturno. Árvores mergulhadas na água até o início da copa. (Página: 3).

Ananatuba + Mangueira do norte de Marajó diferente dos outros tipos ocorrem, aparentemente, apenas lá. Caviana, Mexiana ou do Território (Amapá). Da onde eles vieram? Conexão com

Caviana, Mexiana, Cunany, Território (Amapá) somente corrugado e “champlévé” aparece junto no norte de Marajó. Pergunta: isso também ocorre em Monte Carmelo? Se não, da onde eles vieram?

Grande diversidade de tipos significa também muitos diferentes troncos culturais, ou variações das condições ambientais? Possibilidades, muitos tipos sobre um curto período de tempo, ou grande conservadorismo sobre longos períodos de tempo entre os diferentes tipos. Mais provável a primeira hipótese.

10 de maio de 1949

Monte Carmelo, sobre os dois tesos crescem árvores velhas e grandes, as raízes arrebetam as igaçabas. Sobre ambas as elevações existem cacauzeiros, único lugar nas redondezas onde eles crescem. Foram trazidos pelos indígenas? Reprodução através de centenas de anos, (Página: 4) auto disseminação? Os coqueiros foram plantados pelo pai do atual dono. Atracamos na base do teso, na esquerda, casas sobre palafitas localizadas no top da elevação. Por lá também muitos fragmentos cerâmicos.

Caviana, Mexiana, Marajó, todas as fases têm mais ou menos o mesmo tipo de antiplástico: caco cerâmico mais ou menos triturado, isso significa que todos os tipos têm o mesmo tempero.

No Território (Amapá), ao contrário, os diferentes tipos também têm diferentes temperos: areia, cinza, pedras com mica, cerâmica, casca de árvore. Coleção de superfície em um corte através do teso, provocado por processos erosivos, apresenta uma boa amostra. Mas, apenas um corte estratigráfico mostrara melhor uma sequência cronológica.

Bordas, forma da cerâmica da foz do Amazonas não são critérios para a diferença dos tipos, como no Amapá, por exemplo. Tempero moderno na cerâmica cabocla parece ser de osso queimado!

11 de maio de 1949

Monte Carmelo e Monte Guajará.

Casca, embarcação (Página: 5) é feita de um só tronco. Batelão ou montaria é composta por duas ou mais partes, montaria. Canoa com proteção feita de palha. Barca, veleiro, Lancha é com motor. (...)

12 de maio de 1949

Começo às 9:00h. Viajamos para Os Camutins [sítio J-15] de canoa (casca), usamos o mesmo caminho como ir para Monte Carmelo. Na mata um mundo fantástico: Galhos secos e mortos no meio da água, branco como ossos. Por todas as partes somente terra alagada. Piaçocas levantam voo com as pernas curiosamente penduradas. Tuiuiú nos campos, ciganas, nome acertado com sua roupagem plumária desleixada e solta. Patos por todos os lugares, cegonhas, sovacu, garças. Pitomba, frutas como ameixas, folhas com formas lanceoladas, anu preto com rabo comprido. (Página: 6) Tucanos, beija-flor do tamanho de um pardal de cor preta-branca e vermelha. 11:00 chegamos em Os Camutins. Morador local, Pedro Araújo construiu sua casa direto sobre o teso. As paredes, como em todas as casas caboclas, foram feitas com as folhas das palmeiras Anajás, com todas as folhas dobradas para um só lado. Telhado em formato de sela, com a parte superior aberta. Bananeiras crescem sobre o teso, bem como tangerinas, cacau, laranjeiras, cupuaçu, café, açaí tudo cresce bem nesta antiga terra de índio, cheio de restos, carvão e cinza.

Poraquê. Enguia elétrica

Teso 1) 1,55 metros de altura, estende-se de leste ao oeste, elevação comprida. Fragmentos cerâmicos (cacos) na superfície em ambas as encostas dos tesos. As vezes parece como se fosse pavimentado. Na encosta ao leste do teso a antiga área de escavação [1948]. Lá foi escavado e encontrado uma grande igaçaba de 70 cm de altura,

diâmetro de 45 cm em uma profundidade de 1,45 m, 2-5 cm largura da borda, [DESENHO] (Página: 7). Borda com uma figura agachada, braço esquerdo maciço, as mãos na boca, a mão direita dobrada para cima em relevo. Hermafrodita com os dois braços levantados.

Os caboclos usam, frequentemente, de uso próprio, estes antigos potes indígenas. Três potes.

O sítio, aparentemente, tem uma camada relativamente fina, mas muito escura, portanto trata-se de uma ocupação intensa e populosa e de curta duração.

13 de maio de 1949

7:30 Cemitério

Coróca, pássaro preto com rabo alongado, faz um barulho como um sapo, é uma espécie de um corvo, como os anu. (Página: 8). Socó-i uma espécie de uma garça pequena. Ariranha, uma pequena lontra de cor marrom que tem um grito forte e comprido, o peito é branco com pontinhos vermelhos, são pequenos diabos.

Escavamos cerâmica com engobe branco e pintura vermelha no tesol I e II.

À noite pescaria com Johané.

14 de maio de 1949

Gavião belo com cabeça cinza clara e o corpo marrom.

Partimos as 7:30h e retornamos as 17:00h fizemos coletas superficiais no Rio Camutins.

15 de maio de 1949 (domingo)

Inajá, palmeira com frutos comestíveis.

Ludival da Côsta Azevedo de Santa Agneta onde está localizado o sítio Belém [Os Camutins, J-15, mound 17].

No Pará, se percebe o grau de decomposição do material

orgânico pelo cheiro. Na ilha do Marajó o material orgânico não está tão degradado por causa do teor maior de humidade. (Página: 9).

- Teve uma ideia para uma novela sobre uma família cabocla, sem dinheiro, morando na ilha do Marajó. O dono da fazenda mantém seus empregados, como sempre, de rédea curta.

Pedro se lembra do tempo quando ele acompanhou os Evans nas suas pesquisas e observou, habilmente, como foram feitas as coletas superficiais e os cortes estratigráficos. Pedro não pode imaginar o que significa o valor científico das coisas. Para ele, é óbvio, todas as coisas têm diretamente um valor material. Ele coletou do tesoro sacos e mais sacos de fragmentos cerâmicos, do jeito como ele viu os Evans fazer e depois viajou para Belém para vender a cerâmica para o Museu.

Os achados são bem diversificados com algum material de caráter local. Início da estação da chuva. Chuva altera com períodos de sol; tudo está inundado, terra vira água.

Descrição da casa e o modo de vida do caboclo. (Página: 10).

De manhã foi feito um corte estratigráfico no tesoro Belém. Foi encontrado material arqueológico até uma profundidade de 1,20 m, exclusivamente material do tipo padrão, mas para ter certeza da estratigrafia deveria ser feito mais um corte pelo tesoro, para ver a consistência e comparar as camadas naturais com os depósitos culturais (depósito de lixo). Foi encontrado um artefato interessante, um cachimbo, foi discutido o uso do tabaco. [DESENHO]. O formato do cachimbo me parecia um pouco europeu, mais comprido de que largo, sem decoração.

Sobre o tesoro cresciam palmeiras, miriti e inajá cujas folhas são usadas na construção das paredes das casas caboclas.

16 de maio de 1949

Foi feito um corte estratigráfico no tesoro Inajá até 2,75 m de profundidade. Às 13:00, meia hora de intervalo, regressamos com

entre 60 e 70 sacos com material arqueológico. A canoa estava cheia até a borda, foi difícil de remar, eu remei por 4 h. Chegamos em casa às 18:30.

17 de maio de 1949

Foi feito um corte estratigráfico em Monte Carmelo, escavamos das 8:30h até às 11:30h.

Comercio, o mais próximo encontra-se há duas horas distante do sítio, vende-se tudo, mas tudo muito mais caro, por falta de concorrência. Por exemplo, um saco de farinha é vendido, muito caro, a 140 Cr\$ (Página: 11) 1 quilo de café é vendido a 12 Cr\$ açúcar a 6 Cr\$. Um vaqueiro recebe apenas 4 Cr\$ por dia, mais a alimentação.

História: Um caboclo me conta a história de um americano doido [Clifford Evans] que recebeu dele, como presente, uma jaqueta e as ferramentas que usaram para escavar e por ter acompanhado ele.

Escada feito de um tronco como acesso da casa em palafita.

[DESENHO]

Um velho remo. [DESENHO]

Arpão. [DESENHO]

Cortina enrolada, feita de varas de madeira e cipó. [DESENHO]

O corte estratigráfico que foi feito no Monte Carmelo é de pouca utilidade para a formação de uma sequência estratigráfica baseada nos fragmentos cerâmicos, pois estava repleto de urnas funerárias. No máximo, o que pode ser feito, é uma estratigrafia baseada nas mudanças dos tipos das urnas e as relações entre elas em comparação com a profundidade. (Página: 12). Em todo caso, me parece bastante ariscado, pois as urnas estavam muito próximas uma da outra, e, conseqüentemente, praticamente contemporâneas. Então, o depósito tinha bastante profundidade para estipular um processo de depósito de longa duração. Mesmo assim, me parece que todas as urnas eram bastante contemporâneas. Eventualmente pode se pensar, para

observar certa mudança do estilo no tempo, uma decadência da cultura, um relaxamento nas habilidades artesanais como indicador. Podemos pensar, eventualmente, numa cerâmica mais barata e feita de um jeito mais "relaxado" condicionada a um estilo de vida em transformação, por causa de uma influência externa, o estilo de decoração em Champlevé vem de fora, uma cultura em plena florada, provavelmente sedentária, que novamente se adapta.

18 de maio de 1949

Continuação da escavação no corte estratigráfico. A grande igaçaba, uma peça maravilhosa, pintada de marrom escuro e vermelho sobre fundo branco. A borda decorada com relevos. Importante durante a escavação: anotar, imediatamente, tudo que for notável ou interessante, ou melhor, durante a escavação ditar para que alguém anote as observações e as medidas até onde determinável, pois os recipientes quando completamente escavados muitas vezes podem despedaçar, pois são muito frágeis. No entorno das urnas foi observado areia, argila, argila queimada indicando uma antiga fogueira com restos de cinza etc. À tarde foi feito uma coleta de superfície no tesos menor e tomamos as providências e preparamos o transporte da grande igaçaba. (Página: 13)

19 de maio de 1949

Aproveitamos a manhã para passar a limpo as anotações, fazer as descrições, não se pode escrever de menos.

Champlevé: os caras são mais recentes aqui de que no do litoral norte. Por lá temos um outro ambiente e estilo, provavelmente habitações sobre palafitas. Os Champlevé do interior são construtores de tesos (Moundbuilder).

20 de maio de 1949

Viagem para o tesouro Canivete [-16], inicialmente de barco, raso com apenas 2-3 palmos de altura, depois a pé com água até o joelho. Fragmentos cerâmicos por toda a parte, porém muito pisoteado pelo gado. No tesouro cresce limão, banana e laranja. Regresso de baixo de chuva torrencial. À tarde com Armando Teixeira, uma fazenda com 3.000 cabeças de gado, outras têm 30.000-50.000 cabeças.

21 de maio de 1949

As 3:15h despertar, partida às 4:30 h. Escavação no sítio Anajás, [Flor do Anajás -17] pelo rio São José, no lago Ararí, duas canoas carregadas até a borda com 110 sacos com fragmentos cerâmicos! Seis igaçabas uma delas grande. Entre as cabeceiras do rio Angas, lago Ararí, continuamos viajando por amplos campos alagados, empurramos lentamente as canoas com varras, metro a metro, por horas a fim e no sol quente. A vegetação estava, em alguns lugares, as vezes impenetrável e tão fechada que não se enxergava a superfície d'água. (Página: 14). O rio São José, que se comunica com os dois rios de cabeceiras na parte oeste, é um típico rio de selva tropical. As margens são invisíveis e escondidas atrás de cipó, folhas, galhos que se estendem através do rio, na correnteza, ariranhas.

As 14:00h chegamos no porto da Fazenda São José. (Monteiro Lobato). Um homem esperava que duas barcas fossem carregadas com gado para serem levadas com uma moto-lancha para Belém. Com um barco a vela esta viagem levaria entre 3 e 4 dias, dependendo das condições do vento. O aluguel de um barco custa 30 Cr\$, por dia, alugar um rebocador até Belém custa 400 Cr\$, com três homens de tripulação. Aqui o transporte é o maior problema. É coisa dos governos, é ridículo se pensamos: bem na porta de Belém, uma das maiores áreas de pastagem do mundo e na cidade falta carne e leite. O mesmo vale para as frutas. Ficar rico, ou ficar ainda mais rico, somente os donos, os fazendeiros e às custas dos caboclos. Aliás, são pessoas

de primeira. O caboclo é atencioso, amável, humilde, trabalhador, infelizmente demasiado humilde. (Página: 15). Os vaqueiros são sujeitos audazes, muitos mestiços, a maioria são pretos. O feitor geral da fazenda parece ser uma encarnação de um herói de “Os Lusíadas”¹⁸. De estatura média, cintura fina e os ombros largos como uma cunha; cabeça bem formada, com cabelos longos, cacheados já um pouco grisalho com olhos pretos temerários. Diferente dos olhares cansados e aguados de muitos que se encontram por aqui. Seus movimentos são ligeiros e seguros. Contudo, o cara, me parece, tem um jeito meio hostil e desafiador. Um líder nato com um sorriso arrugado, um pouco oculto. Usa esporas, nos pés descalços, um chapéu de palha amarela de abas largas, uma jaqueta curta de lã de cor vermelha desbotada. Ele monta um cavalo baio de patas compridas.

Não existem escolas em Marajó, nem na Ilha Caviana. Estes fazendeiros de bochechas roliças, estes modernos escravocratas! Não tem médicos em Marajó.

O fiscal da fazenda é um cara incomum, espirituoso e ao mesmo tempo engraçado. Ele conta, de cara deslavada, as maiores mentiras. Ele sabe colocar suas piadas no momento certo e os vaqueiros se dobram de rir. Ele encanta e convence seus companheiros do seu ponto de vista. Quando não recebe aprovação deles, ele comprova, com um sorriso, que eles estão equivocados e não ele. (Página: 16). “Casca” é uma canoa leve para uma só pessoa que senta na popa e rema, quase mecanicamente, com pequenas e curtas batidas, virando levemente o remo o que provoca o efeito de uma hélice. É uma maneira rápida de se movimentar, entretanto só funciona com pessoas leves.

Alouatta (belzebu) [guariba] “canta” antes da chuva. É um canto áspero, ronco que vibra, que aumenta e diminui em intensidade, um zumbido comparável com o som que uma flecha faz quando lançada da corda do arco.

¹⁸ “Os Lusíadas”, obra de Luís Vaz de Camões (1572).

22 de maio de 1949

A viagem para Belém está prevista para hoje com uma motolancha. Horas antes da partida escuta-se o barulho do motor que atravessa os campos alagados, pois o vento sopra de leste.

O grito agudo do guará, o grasnido nasal do gavião belo.

O laço trançado, enrolado em pequenas voltas e amarrado atrás da sela, rígido quase como arrame. O anel é de ferro, pesado por causa do vento e tem um diâmetro de 10 centímetros.

O facão ou terçado, o vaqueiro o carrega atrás na cintura no seu lado esquerdo, a lâmina, na bainha, está dentro da calça de um jeito que o cabo fica fora dela.

As tiras que seguram os grandes chapéus de palha no queixo são feitas de largas e rígidas faixas de couro. (Página: 17). As piores classes de pessoas são os comerciantes, os intermediários e os fazendeiros. Promessas não valem nada quando se trata de segurar seus próprios benefícios. O caboclo é de primeira! Ele não é preguiçoso como muitos gostam de lhe acusar. Ele é letárgico e não mais preguiçoso de que muitos outros trabalhadores daquelas partes do mundo onde existem grandes diferenças sociais, econômicas etc. Ele é visto assim pelos fazendeiros que querem justificar tudo com a suposta preguiça dos caboclos. Assim, ele quer justificar as condições miseráveis, ou melhor dito, não existentes das condições de saúde e da prevenção às doenças, com o argumento, que os caboclos nem tomariam os comprimidos conta a malária ou parasitas. Ele não tem o mínimo interesse humano nos seus trabalhadores. Antigos restos dos tempos da escravidão.

Às 15:30 partimos com a barcana "Andorinha" (15 cavalos de potência) com mais quatro lanchas carregadas com gado no reboco.

Às 16:30 passamos por Tuiuiú.

Passeio maravilhoso ao anoitecer. Mata em ambas as margens que devolve com um eco o barulho do motor. Araras em busca de suas árvores de repouso, sempre dois em dois, tucanos com seus bicos

*compridos, batendo suas asas curtas voam em rápidos intervalos,
rabos compridos, claridade nos seus bicos, bandos de garças.*

Referências

BOAS, Franz. **The mind of primitive man**. Ed. rev. New York: Macmillan Company, 1938.

FORD, James, WILLEY, Gordon. Surface survey of the Virú Valley, Peru. **Anthropological Papers of the American Museum of Natural History**, New York, v. 43, n. 1, 1949.

FORD, James. A. **A quantitative method for deriving cultural chronology**. Pan American Union: Washington D.C. 1961.

HILBERT, Peter Paul. **Contribuição à arqueologia da ilha de Marajó**: os tesos marajoaras de alto Camutins e a situação da ilha do Pacoval, rio Arari. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1952. (Publicação n. 5).

HILBERT, Peter Paul. **A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná**. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1955. (Publicação n. 9).

HILBERT, Peter Paul. Contribuição à arqueologia do Amapá. Fase Aristé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Nova Série, Antropologia, n. 1, p. 1-37, 1957.

HILBERT, Peter Paul. Untersuchungen in einem Niemandsland: Mittlerer Amazonas. **Die Umschau in Wissenschaft und Technik**, Frankfurt a.M., v. 64, n. 9, p. 276-279, 1964.

HILBERT, Peter Paul. **Zoo no 1º Andar**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

HILBERT, Peter Paul. **Archäologische Untersuchungen am Mittleren Amazonas. Beiträge zur Vorgeschichte des Südamerikanischen Tieflandes**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.

(Marburger Studien zur Völkerkunde, n. 1).

HILBERT, Peter Paul. **Aventura na Amazônia**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.

HILBERT, Peter Paul. Archäologie in Amazonien. *In*: NIEMEYER, Hans G. (Org.). **Archäologie in Amerika**. Salzburg: Andreas & Andreas, 1986. p. 3123-3142. (Die großen Abenteuer der Archäologie, n. 8).

HILBERT, Klaus. Uma biografia de Peter Paul Hilbert: a história de quem partiu para ver a Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, PA, n. 4, p. 135-154, 2009.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIMA, Marcelle R. de S.; BARRETO, Christiana; LIMA, Helena P. História de vida de uma urna marajoara: reconectando contextos e significados. **Revista de Arqueologia**, Macapá, AP, v. 33, n. 3, p. 396-418, 2020.

MEGGERS, Betty J. Journal of Lower Amazon Expedition (1948-1949). **National Anthropological Archives (NAA)**, Washington, D. C., Institute Smithsonian, 1948-1949. 4 v.

MEGGERS, Betty J., EVANS, Clifford. Archeological investigations at the mouth of the Amazon. **Bureau of American Ethnology**, Washington D. C., Bulletin 167. Smithsonian Institution Press, 1957.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Tradução de Alroino Eble. Washington, D.C.:

Smithsonian Institution, 1970.

ROOSEVELT, Anna C. **Moundbuilders of the Amazon**: geophysical archaeology on Marajo island, Brazil. San Diego: Academic Press, 1991.

ROSA, Cássia S. da. **Ilusão e Paraíso**: História e Arqueologia na Amazônia (1948-1965). Orientador: Aldrin Moura de Figueiredo. 2008. 112f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2008.

SCHAAN, Denise P. **The Camutins Chiefdom. Rise and development of complex societies on Marajó Island, Brazilian Amazon**. (Tese de Ph.D.), Universidade de Pittsburgh, Pittsburgh, PA, EUA. 2004.

SOMBRIO, Mariana M. de O. **Em busca pela pesquisa**: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX. 2014. Tese (Doutorado), Unicamp, Campinas.

SOMBRIO, Mariana M. de O. Viagens por um paraíso ilusório: notas sobre a expedição de Betty Meggers à região do Baixo Amazonas e sua rede de colaboradores (1948-1949). **Revista do Museu Arqueológico e Etnológico**, n. 39, p. 206-226, 2022.

STEWART, Julian H. (Org.). **Handbook of South American Indians**. Bureau of American Ethnology, Washington D.C. Smithsonian Institution, n. 143, v 1-6, 1946-50.

STRONG, William D.; EVANS, Clifford. **Cultural stratigraphy in the Virú Valley, Northern Peru: the formative and florescent epochs**. New York: Columbia University Press, 1952.